

Areia, lama e lodo tomam lugar da água

Dos sete milhões de metros cúbicos de areia, lama e lodo que já repousam no Lago Paranoá desde sua criação, a maior parte está localizada nos braços dos córregos do Bananal e do Riacho Fundo, nas extremidades Norte e Sul, respectivamente. De acordo com o geógrafo Milton da Costa Araújo Filho, chefe da Seção de Avaliação e Acompanhamento de Bacias de Captação da Caesb, a sedimentação no Riacho Fundo é a mais preocupante, pois avança mais de cem metros por ano.

Responsável por um trabalho de acompanhamento do assoreamento do lago desde que chegou em Brasília, em 1974, Milton baseia seus estudos em fotos e outros tipos de mapeamento obtidos em sobrevôos pela região. Pelos seus cálculos, esse braço do Paranoá tinha cerca de 19 mil metros quadrados de sedimentos em 1964 e hoje já está com mais de 500 mil e somente no período de 1964 a 1986, quando a situação não estava tão grave, os sedimentos avançaram mais de um quilômetro.

Sedimentação — Durante um passeio pelo lago com a reportagem do

CORREIO BRAZILIENSE, com uma equipe do Pelotão Lacustre da Polícia Militar do DF, comandada pelo sargento Jardim, Milton Araújo Filho constatou que aquela área do lago já estava morta por consequência da sedimentação. Observando as inúmeras ilhas já definidas e com vegetação enraizada afirmou entristecido: “Isso tudo era lago há menos de 20 anos”.

A sistemática retirada da vegetação para a fixação de núcleos urbanos, criação de cascalheiras para obras da construção e o uso inadequado do solo da região próxima ao córrego do Riacho Fundo são apontados como as causas principais do assoreamento naquela extremidade do lago, como avaliou o geógrafo. Citou como um desses principais agravantes a criação do projeto Agrícola Aguas Claras, cuja fixação deixou o solo desprotegido fazendo com que as chuvas levassem a terra para os inúmeros riachos, como o Vicente Pires, Arniqueira e o córrego Guará, que desembocam no Riacho Fundo e este, por sua vez, transporta esses materiais sólidos para o Paranoá.

Leito protegido — Outro braço do lago bastante atingido pelo assoreamento é o do Bananal, que já perdeu mais de 18 por cento de seu volume de água para a areia, lama e lodo, apesar de o córrego contar com a maior parte de seu leito dentro de áreas protegidas. A sedimentação nesse braço, na avaliação de Milton Filho, ocorre principalmente pelos materiais sólidos transportados pelo córrego do acampamento, que desemboca no Bananal depois de percorrer trechos afetados pela urbanização dos setores próximos à Rodoferroviária.

Os braços do Torto e do Gama, também respectivamente nas extremidades Norte e Sul, estão afetados pela sedimentação, mas em menor escala como avalia o geógrafo. Mesmo assim, cada um deles já está com mais de 50 mil metros quadrados de sedimentação e apresentam ilhas já definidas com vegetação firme. Também nesses locais, como ocorre nos braços do Riacho Fundo e do Bananal, inúmeras outras ilhas estão em formação com a areia a apenas poucos centímetros da superfície da água.



As construções muito próximas ao Lago acabam jogando terra nas águas, contribuindo para sua destruição